- III -

ESCOLA EXPERIMENTAL, PÚBLICA E BILÍNGUE NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO E O CONTEXTO DA PRÁTICA DA GESTÃO ESCOLAR

Aline Miranda Fonseca

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Brasil
alinemf11@gmail.com

Daniela Patti do Amaral

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Brasil
danielapatti.ufrj@gmail.com

Introdução

Em 2009, após a posse de Eduardo Paes como prefeito do município do Rio de Janeiro, o sistema educacional da cidade foi reconfigurado e introduziu-se um modelo de alcance de metas, controle de desempenho, premiações e penalidades. Esse modelo busca enfatizar o discurso de ineficiência da forma vigente de gerir o Estado, seguindo as recomendações dos organismos multilaterais e, conseqüentemente, da Nova Gestão Pública ou (Neo)gerencialismo. A agenda da política da gestão Paes esteve amparada pelo documento denominado Plano Estratégico 2009-2012 (Pós 2016 – Um Rio mais Integrado e Competitivo), segundo o qual, para haver uma melhor definição das necessidades e metas para o futuro da cidade, o primeiro passo seria diagnosticar as características do carioca e do Rio de Janeiro a fim de transformá-la em “uma cidade mais competitiva, sustentada por quatro pilares de aspirações: sociais, econômicas, ambientais e políticas.” (Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro 2009-2012, p.11). Dentre os pilares, se destaca as metas para a questão social, na qual a educação se insere. É nesse contexto que surgiu o Programa Rio Criança Global (PRCG), uma política pública de educação ainda recente que difunde a prática do ensino bilíngue em escolas públicas da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ) nos Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental. O PRCG teve início também em 2009, e desde sua implementação é realizado conjuntamente a uma parceria com a Learning Factory (LF), empresa privada fornecedora de material didático e serviços educacionais. O PRCG abarca diferentes tipos de escolas experimentais; todas voltadas aos Anos Finais do Ensino Fundamental, exceto as escolas experimentais bilíngues (EB). Considerando uma política é resolvida no contexto da prática por aqueles que atuam no chão da escola, onde o texto da política é traduzido, é imprescindível, portanto, considerar os atores da atuação dessa política. Dentre eles, se destaca a figura do gestor escolar, cuja atuação é tida como singular dentro dessas EB.

Metodologia

Este trabalho aborda o contexto da prática gestora em duas EB português-inglês buscando explicitar se ela seria considerada democrática ou se enquadraria no perfil gerencialista, semelhante a um gestor de uma empresa capitalista. O termo gestor, no cenário estudado, abarca diretores e os professores articuladores (PA), figura que atua como docente de língua estrangeira, mas que é o intermediário entre as ações da LF, direção e professores. Com base na abordagem do ciclo de políticas (*policy cycle approach*) desenvolvido por Stephen Ball e Richard Bowe (1992), priorizando o contexto da prática. O contexto da prática foi escolhido dentre os demais contextos existentes no ciclo de políticas pois para Ball uma política é resolvida no contexto da prática por aqueles que atuam no chão da escola, onde o texto da política será traduzido. Considerando que o ciclo de políticas é um referencial teórico-metodológico, é imprescindível que ele se ancore na compreensão de gestão de outros autores. Sendo assim, Vitor Paro (2010a, 2010b, 2015) e Angelo Sousa (2009, 2012) e suas concepções sobre gestão educacional serão imprescindíveis a fim de um melhor entendimento do cenário contemporâneo sobre o perfil do gestor escolar e a perspectiva de uma gestão educacional que se espera pautada na democracia, em especial em um contexto cercado por especificidades como é o de uma escola experimental, pública e bilíngue. Trata-se de uma pesquisa qualitativa na qual foram entrevistados diretores e PA de duas EB português-inglês, selecionadas por estarem localizadas em regiões com realidades sociais bastante distintas (zona norte e zona sul da cidade) pois assim seria possível perceber se a fala dos gestores é influenciada pelo contexto local ou seguem algum padrão.

Resultados

Na análise das entrevistas realizadas percebemos a presença de fatores gerencialistas e de performatividade que se evidenciam na relação com os PA, diretores e professores nas EB, em especial os docentes de língua inglesa. Ao ficarem em evidência no chão das EB, reforçam a afirmação de Ball acerca da performatividade: “Os desempenhos de sujeitos individuais ou de organizações servem de parâmetros de produtividade ou de resultado, ou servem ainda como demonstrações de “qualidade” ou “momentos” de promoção ou inspeção. Eles significam ou representam merecimento, qualidade ou valor de um indivíduo ou organização dentro de uma área de julgamento” (2005, p.453). O gerencialismo se mostra presente:

1. na parceria com a LF, notadamente uma parceria público-privada, através da qual colaboradores da empresa participam do cotidiano escolar ativamente, seja por meio de capacitações para uso do material didático (também comprado da editora LF), seja por meio do suporte e fornecimento do exame de *Cambridge* para os alunos, exame internacional de proficiência que gera

mais um dado estatístico que mensura o desempenho de alunos e professores, seja por sugerir campeonatos como o *Spelling Bee*, que torna público o desempenho de alunos e dos profissionais envolvidos;

2. por intermédio de observações de aula realizadas pelos consultores da LF que chegam ao conhecimento do diretor em forma de relatório, confirmando o que Ball diz acerca do trabalho do diretor: “...envolve inculcar uma atitude e uma cultura nas quais os trabalhadores se sentem responsáveis e, ao mesmo tempo, de certa forma pessoalmente investidos da responsabilidade pelo bem-estar da organização” (2005, p.545) .

Conclusões

A gestão escolar é feita de características objetivas e subjetivas, consideradas interdependentes em âmbito escolar, pois os recursos objetivos são operados por seres carregados de subjetividade, que trazem consigo experiências, vontades e opiniões acerca daquilo que os cerca. Como muitos são os sujeitos integrantes de uma política/programa educacional como no caso das EB (professores, alunos, funcionários da parceria com empresa privada e gestores – diretores e coordenadores) parece nítido que os interesses do gestor escolar não estarão sempre em consonância com os demais envolvidos. Assim sendo, o trabalho do diretor escolar, em especial, passa a ser mais político e, conseqüentemente, menos democrático, ou seja, “de convivência menos pacífica e livre entre pessoas e grupos que se afirmam como sujeitos” (PARO, 2010b, p.27), sobretudo em um cenário que se mostra empresarial capitalista que conta, inclusive, com uma parceria público-privada que interfere no cotidiano escolar. Ademais, a própria transformação das escolas estudadas em EB se mostra carregado de dúvidas e pautado em uma decisão política, tomada fora do ambiente escolar, desconsiderando a voz da comunidade se seria de seu interesse que ali houvesse uma EB. As relações de poder no espaço escolar se mostram evidentes. Através de Paro (2015, p.86) é possível concluir que “ A adoção de mecanismos de mercado no recrutamento, contratação e gestão do trabalho de professores e demais educadores escolares é um dos aspectos mais insólitos das atuais políticas empresariais baseadas na gestão empresarial”, da qual a performatividade docente é mensurada pelo gestor escolar e, a partir daí serão tomadas as providências necessárias para que o resultado seja alcançado. Desenvolve-se “uma verdadeira “fúria gestonária” (2015, p. 88) que procura aplicar na escola e em sua gestão, cada vez mais estritamente, os métodos e técnicas da empresa tipicamente capitalista.”

Referências

- Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro 2009-2012*. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=126667>>. Acesso: ago. 2017.
- BALL, Stephen J. Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. *Cad. Pesqui.* 2005, vol.35, n.126, pp.539-564
- BOWE, R.; BALL, S.; GOLD, A. *Reforming education & changing schools: case studies in policy sociology*. London: Routledge, 1992
- PARO, Vitor. A educação, a política e a administração: reflexões sobre a prática do diretor de escola. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n.3, p. 763-778, set./dez. 2010a.
- PARO, Vitor. *Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 27.
- PARO, Vitor. *Diretor escolar: Educador ou gerente?* São Paulo, Cortez, 2015.
- SOUZA, Ângelo R. Explorando e construindo um conceito de gestão escolar democrática. *Educ. rev.* 2009, vol.25, n.3, p.123-140
- SOUZA, Ângelo R. A natureza política da gestão escolar e as disputas pelo poder na escola. *Rev. Bras. Educ.* 2012, vol.17, n.49, p.159-174.